

**PEDAGOGIAS DAS CONEXÕES:
ENSINAR E APRENDER NA SOCIEDADE DIGITAL BLENDED**

Camila Santana - camilalimasantana@gmail.com - Instituto Federal Baiano.

RESUMO. *As redes sociais digitais, enquanto fenômeno da cultura contemporânea, potencializam interações sociais, intercâmbio de informações e saberes. O objetivo deste trabalho é problematizar as apropriações das plataformas de redes sociais digitais como modo de compreender o impacto provocado por elas em relação ao ensinar e aprender no contexto da sociedade blended. Trata-se de um estudo netnográfico, utilizando observação participante encoberta para mapear iniciativas educacionais não-formais em plataformas digitais, assumindo a dimensão da cibercultura como referencial teórico e as redes sociais digitais como redes de conexões e interações humanas, que têm na internet um espaço que potencializa a difusão e construção de saberes, instituindo as pedagogias das conexões.*

Palavras-chave: *Pedagogias das Conexões. Sociedade Digital Blended. Redes Sociais Digitais. Educação 4.0. Aprendizagem ubíqua em rede.*

**PEDAGOGIES OF CONNECTIONS:
TEACHING AND LEARNING IN BLENDED DIGITAL SOCIETY**

ABSTRACT. *Digital social networks, as a phenomenon of contemporary culture, enhance social interactions, exchange of information and knowledge. The purpose of this paper is to problematize the appropriations of digital social networking platforms as a way to understand the impact they have on teaching and learning in the context of blended society. It is a netnographic study, using covert participant observation to map non-formal educational initiatives on digital platforms, assuming the dimension of cyberculture as a theoretical reference and digital social networks as networks of human connections and interactions, which have on the internet a space which potentiates the diffusion and construction of knowledge, instituting the pedagogies of connections.*

Keywords: *Pedagogy of Connections. Digital Society. Digital Social Networks. Education 4.0. Ubiquitous network learning.*

Submetido em 14 de junho de 2019.

Aceito para publicação em 26 de julho de 2019.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XXI é cenário de transformações significativas fomentadas pelas apropriações das Tecnologias da Informação e Comunicação Digital que atingem todos os campos da sociedade. Das macrorrelações sociais, econômicas, políticas, de produção até as microrrelações familiares, afetivas, profissionais, pedagógicas, a incorporação e apoderamento das tecnologias digitais constituem-se elementos estruturantes para transfiguração, mudanças e reformas de costumes, práticas, hábitos e comportamentos tidos, outrora, como inexoráveis. Ou seja, nas duas últimas décadas, a internet, os dispositivos móveis, as mídias sociais e a Inteligência Artificial modificaram a forma como vivemos, comunicamos, interagimos, consumimos e aprendemos, ampliando assim nossas perspectivas para atividades rotineiras e cotidianas no contexto da quarta revolução industrial e tecnológica. É impossível ignorar o potencial de transformação, progresso e renovação promovido por esse cenário.

As transformações oriundas da implicação do desenvolvimento tecnológico na sociedade redimensionam as dimensões de tempo, espaço e força dos acontecimentos e eventos sociais. Esse contexto complexo, que envolve campos diversos do conhecimento, desenha um cenário que convida os sujeitos contemporâneos a repensarem suas práticas, a inovarem em seus campos profissionais e estarem atento a essas transformações que acontecem simultaneamente enquanto a humanidade segue conduzindo seus dias e trilhando suas escolhas. Afinal, todo esse movimento é promovido, conduzido e apropriado pelo próprio homem e seu potencial cognitivo criativo.

Testemunhamos – portanto – mudanças complexas, intensas e relevantes em todos os setores da sociedade. Uma mudança de paradigma no modo como trabalhamos, nos comunicamos, nos expressamos, nos informamos, nos divertimos e aprendemos. Atrelado a isso estão em curso reestruturações de governos, instituições e sistemas, como o de educação (SCHWAB, 2019).

A internet e as plataformas digitais são representações da terceira evolução tecnológica iniciada no século passado, mas continuam se modificando rapidamente com os avanços na área da Inteligência Artificial, quando os computadores estão mais rápidos e inteligentes que os humanos. Sem dúvidas, essas transformações interferem no universo do trabalho, das profissões e das instituições.

Neste contexto, na dimensão das transformações sociais, interessam-nos aquelas que estão relacionadas ao campo diverso e multidisciplinar da educação que dialoga com outros campos tais como a cultura, a comunicação e a tecnologia. Esse recorte será dado tanto pela minha trajetória profissional e acadêmica na área de educação quanto pela compreensão de que a existência ou ausência de competências e habilidades para dominar e apropriar-se das tecnologias nas dimensões técnicas e humanas interfere diretamente no futuro das sociedades, especialmente no âmbito educacional.

A cultura como eixo fundamental para compreender as transformações sociais, a comunicação enquanto campo essencial para perceber como o homem interage com o mundo, lendo-o e relacionando com seus elementos; a tecnologia, na qualidade de produção criativa humana, que é produzida a partir e para uma cultura,

além de estar atrelada à comunicação do homem desde os primórdios da evolução humana parecem ainda não serem compreendidas como hastes que sustentam a dimensão social e são responsáveis pelo desenvolvimento dos objetos técnicos.

A essa simbiose de tecnologia digital, comunicação e cultura chamamos de cibercultura (SANTANA, 2008). Essa cultura contemporânea *cyber*, digital, conectada está intrinsecamente relacionada à ideia de interatividade e interconexão entre seres humanos, informação, imagem e máquinas dos mais variados gêneros e é resultado da expansão das tecnologias digitais a partir da década de noventa.

Há – contudo – ainda uma constante resistência, suspeita, desconfiança em relação às tecnologias digitais e às transformações culturais e sociais que provocam. Há, por outro lado, um entusiasmo exacerbado dessas mesmas tecnologias como salvadoras e responsáveis pela solução dos mais diversos problemas da sociedade. Entre demonizar e santificar as tecnologias há uma seara de compreensão de que elas representam o que somos, demandamos e desejamos.

No campo da educação, a tecnologia aparece ora como vilã ora como heroína. Os extremos colocam – muitas vezes – as instituições e os profissionais de educação focados na ferramenta: inserir dispositivos digitais e equipar os espaços escolares com as inovações tecnológicas além de capacitar os profissionais da educação para usabilidade destas, considerando o domínio e aplicação pedagógica dos artefatos digitais como sinônimo de inovação na educação. Fora do espaço escolar, porém, os artefatos digitais e os espaços on-line ainda são considerados como ambiente de ócio, perigo e perda de tempo. É como se eles precisassem ser *pedagogizados* institucionalmente para serem legitimados como potentes.

Há de se considerar, no entanto, que a aprendizagem em espaços informais ou não institucionais, como as redes sociais digitais, é uma realidade desafiadora para a sociedade contemporânea, haja vista que estes espaços agregam vivências, experiências e construção de saberes, constituindo redes de cooperação e colaboração. Igualmente, articulam inteligências, habilidades e competências, gerando um conhecimento em rede, uma nova forma de inteligência coletiva, como afirmou Lèvy (2011). E dialogam, aproximam e convivem com a educação formal institucionalizada, seja a complementando, seja suprimindo os hiatos que, porventura, dela resultem.

Moreira, Barros e Monteiro (2014) destacam que a aprendizagem na web social já existe informalmente a partir de ações de entusiastas docentes que entendem que a linha que separa os espaços de aprendizagem formal e informal tende a se diluir na contemporaneidade. Ainda em 2014, a pesquisa de doutorado que realizei, investigando docentes com alta audiência e alcance pedagógico no Twitter, também sinalizava para essa linha tênue entre as ações docentes formais e institucionais e as ações informais e livres. Um dos sujeitos observados destacava – inclusive – que o Twitter “mudou minha carreira e minha profissão. É o sonho de ser professor 24 horas por dia” (SANTANA, 2014, p. 115). No entanto – hoje, cinco anos depois – é possível dizer que a docência já se apropriou dos espaços sociais da web de modo, inclusive, a potencializar novas práticas profissionais e criar, efetivamente, um mercado *on line* de produção, compartilhamento e troca de saberes, conhecimentos e experiências.

Embora, concorde com Monteiro, Moreira e Lencastre (2015) de que a dissolução desses limites não implica perda do sentido, valor e missão da escola – enquanto espaço institucional de ensino-aprendizagem – e de que esse contexto demanda novos olhares e ação da escola para e com as redes que são construídas no ciberespaço, importa-me mapear, compreender e analisar as práticas abundantes em desenvolvimento na internet, sobretudo nas plataformas de redes sociais digitais, considerando que essas interferem nos modos e nas formas da aprendizagem presencial e institucionalizada da geração que já nasceu em uma sociedade altamente conectada. Nesse contexto, esse estudo tem o objetivo de problematizar as apropriações das plataformas de redes sociais digitais por profissionais das mais variadas áreas como modo de compreender o impacto provocado por essas tecnologias digitais em relação ao educar e aprender. O argumento construído é de que a revolução digital promove acesso livre ao conhecimento e potencializa aprendizagens ubíquas no ciberespaço, criando novos papéis profissionais, construindo espaços pedagógicos e forjando outras pedagogias, as Pedagogias das Conexões. Essa dinâmica de educar e aprender informalmente, que acontece na rede, muitas vezes, tem início e fim nela mesma, impacta diretamente na educação formal haja vista que são faces do mesmo objeto que é a educação.

Assim, no lugar de apresentar e discutir as promessas e perigos que a revolução tecnológica contemporânea pode anunciar, pretendo, com este estudo netnográfico (HINE, 2005; KOSINETS, 2010) exploratório, parte da minha pesquisa de Pós-Doutorado em Educação na Universidade de Coimbra em Portugal, apresentar reflexões pautadas a partir de mapeamento realizado por meio de observação participante encoberta (BINET, 2011; LASTA e BARICHELLO, 2013) de práticas em desenvolvimento na rede na dimensão das Pedagogias das Conexões, destacando e refletindo o seu potencial de transformação e criação de espaços pedagógicos. Espaços estes que promovem experiências de aprendizagem e colaboração em rede como consequência dos novos tipos de interação, onde cada ator social é produtor e consumidor de saberes, informação e aprendizagem, bem como pode dialogar com as instituições escolares.

A observação participante é uma técnica bastante utilizada em estudos etnográficos e apropriada pela netnografia. Por meio da observação participante os fenômenos são pesquisados no contexto em que acontecem e na dimensão dos sujeitos que dele participam. A observação realizada neste trabalho foi: participante, visto que, como pesquisadora, faço parte do ambiente estudado; e encoberta, porque os sujeitos e espaços, objetos da pesquisa, não sabem que estão sendo observados, a partir do momento em que foram selecionados. Essa técnica considera que se deseja uma percepção mais pura possível, ou seja, observar e analisar as experiências e iniciativas sem nenhuma mediação de pesquisa que pudesse comprometer as interações e os dados construídos.

Ainda como estudo em andamento, cabe ressaltar que estou mapeando e investigando experiências que subsidiarão a construção teórica a respeito das Pedagogias das Conexões. Inicialmente, observando e analisando seis iniciativas e experiências de ensino e aprendizagem não formal em plataformas de redes sociais digitais, por meio de observação encoberta e dialogando, de forma exploratória, contínua e sistemática, virtualmente, com jovens, participantes dessas experiências, que, neste trabalho inicial, contribuem para compreensão do porquê buscam por

experiências pedagógicas não-formais on-line. A segunda etapa da pesquisa apresentará as reflexões desse grupo de jovens a partir de grupo focal on-line síncrono e a problematização frente as considerações obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com os autores das experiências de ensino e aprendizagem selecionadas. Assim, enquanto estudo inicial, este texto assume o lugar de ensaio que alinha as notas sobre a educação no contexto das redes sociais digitais na dimensão das Pedagogias das Conexões.

2 BLENDED: EDUCAR E APRENDER NA SOCIEDADE DIGITAL

Para desenvolver a discussão anunciada, estruturei o estudo em três subseções que – juntas – costuram indicações do impacto provocado pelas tecnologias digitais nessa quarta revolução tecnológica em relação ao educar e aprender especialmente no contexto das redes sociais digitais.

A primeira seção contextualiza os elementos das redes sociais digitais na contemporaneidade discutindo-as à luz da revolução tecnológica, cultura e comunicação. A segunda destaca que as culturas de participação, compartilhamento, produção e conectividade estruturam a Educação 4.0 fundando as pedagogias das conexões. A terceira discute as apropriações pedagógicas das plataformas e aplicativos de redes sociais digitais, os outros espaços de aprender e ensinar no contexto da sociedade digital *blended* e os novos papéis profissionais que são forjados.

Colocar o foco da inovação, seja no campo tecnológico seja no pedagógico, na ferramenta, no objeto técnico parece não ser o mais importante no contexto da sociedade digital *blended* que vivemos. Ou seja, mais do que discutir se o século XXI será uma era de máquinas e inteligência artificial, é importante considerar que esta é uma era de homens que, por meio destas tecnologias digitais, comunicam, aprendem e consomem em uma lógica diversa das gerações que cresceram em uma sociedade analógica. Entendo – portanto – que a metáfora da rede é a representação da cibercultura e compreender e apropriar dos códigos e práticas culturais é, talvez, o maior desafio da educação 4.0.

2.1 As redes sociais digitais na contemporaneidade

A internet é uma das redes mais extensas já construídas pelo homem. “Se algo pode ser escrito, desenhado ou fotografado, há chances de que já exista um nó na Web que, de certa forma, o contém” (BARABÁSI, 2009, p.28).

O homem produz artefatos culturais e técnicos que redimensionam elementos da vida cotidiana, das formas de ver, pensar, transitar, comunicar-se com o mundo. O contexto social contemporâneo evidencia um imbricamento homem-máquina-bytes, sem precedentes na história da humanidade, que reestrutura os espaços, os modos de dizer, trocar, ver e agir como nunca se havia vivido. Transita-se em alta velocidade, aprende-se a distância, relaciona-se virtualmente, armazenam-se dados em nuvens on-line, comunica-se virtualmente em rede. Tudo isso a uma velocidade que coloca os bytes como elemento arqueológico.

A internet é a primeira mídia pública a ter uma economia pós-Gutenberg. Você não precisa entender nada de sua engenharia para avaliar quanto ela é

diferente de qualquer outra forma de mídia dos últimos quinhentos anos (SHIRKY, 2011, p. 53).

Esse homem que produz os artefatos culturais e técnicos é sujeito da prática; esta prática – atualmente – é permeada de elementos tecnológicos digitais e interpelada por exigências decorrentes do contexto que estamos inseridos. Estamos vivendo a era da aparente transparência, da publicização, do altamente conectado e da mobilidade digital. A dimensão social em que se vive é a da sociedade digital *blended*, que convida o tempo todo a conectar, opinar, mostrar, socializar, compartilhar, participar; uma dimensão que – aqui – se chama sociocomunicativa. A natureza social humana e a necessidade de comunicação não são novas, recentes, nem nasceram com a internet e seus aplicativos. Somos, naturalmente, sujeitos da prática social e comunicativa. Contudo, as tecnologias digitais, com destaque aqui para internet, ampliam essas possibilidades, e não as esgotam.

Há muita discussão, estudos e pesquisas sobre as possibilidades da internet, das redes sociais digitais e do que as ferramentas, os suportes, os mecanismos ampliam, permitem e favorecem o avanço, alternativa, facilidade e viabilidade para as nossas necessidades diárias, individuais, coletivas, pessoais, profissionais, etc. É importante para este estudo entender as apropriações, os usos sociais que os sujeitos fazem do que está posto neste cenário.

Os usos sociais de nossos novos mecanismos de mídia estão sendo uma grande surpresa, em parte, porque a possibilidade desses usos não estava implícita nos próprios mecanismos. Uma geração inteira cresceu com tecnologia pessoal, do rádio portátil ao PC, portanto, era de se esperar que eles também colocassem na nova mídia mecanismos para uso pessoal. Mas o uso de uma tecnologia social é muito pouco determinado pelo próprio instrumento; quando usamos uma rede, a maior vantagem que temos é de acessar uns aos outros (SHIRKY, 2011, p.18).

Assim, compreendo que os fenômenos culturais e comunicacionais não se sustentam como princípios fundamentais da produção cognitiva humana sem a tecnologia. Aqui recorto tecnologia como a prática de conhecer e fazer, estando ligada a toda produção técnica humana. A arte de produzir, saber, inventar, criar é de natureza tecnológica. Assim, o homem produz – culturalmente – tecnologias para o seu melhor bem-estar e convívio social; no que tange ao convívio social, a comunicação e a interação social, principalmente, se destacam.

Na cibercultura, tais fenômenos estão estritamente conectados aos elementos das tecnologias digitais e às novas dimensões de tempo e espaço estruturadas por elas. Assim, a linguagem digital e suas múltiplas possibilidades ocupam um espaço relevante no cenário cultural hoje, especialmente nas relações comunicacionais, nas formas e modos como os homens se relacionam na atualidade. Destarte, a internet é um dos elementos que mais foram transformados pelo homem e, na mesma proporção, transformou os seus modos de ser. Um fenômeno que envolve todas as classes sociais, raças, gêneros, mesmo que não ainda de forma equitativa, como não é em tantos outros elementos presentes na sociedade ao longo dos seus contextos históricos.

Na internet, além de uma rede mundial de computadores, sujeitos se interconectam mantendo mais do que um canal de diálogo entre duas pessoas. Os sujeitos lançam ideias, opiniões, experiências; tecem saberes, vivências e relações. Essas relações são mantidas, estabelecidas, criadas e reafirmadas especialmente nas plataformas e aplicativos de redes sociais. Os espaços surgem com a intenção primordial de comunicar e relacionar pessoas, que constroem lógicas, regras próprias, usabilidades e apropriações.

A ampla extensão da internet possui conglomerados virtuais: ambientes que agregam milhares de usuários. As plataformas e os aplicativos de redes sociais digitais são o grupo de ambientes virtuais que mais agregam internautas. Desta forma, esses artefatos são um fenômeno da cultura contemporânea que promove e celebra a conectividade, o protagonismo, o engajamento e a autonomia como capital social a ser perseguido. As redes sociais digitais são aqui contextualizadas na qualidade de elemento da cultura contemporânea e artefato que possibilita a conectividade em escala global.

Neste sentido, a internet é mais que uma rede de computadores, ela é constituída de interações sociais virtuais que não são dissociadas das interações offline, mas se potencializam na rede e transformam as formas como as pessoas se comunicam, se conhecem, aprendem e vivem. Se a Modernidade foi representada metaforicamente por relógios que mostraram o tempo cronológico e racional, e pelas luzes que ilustraram o Iluminismo, a contemporaneidade, certamente, tem nas “redes” sua metáfora estruturante. O processo de redimensionamento de modelos sociais e práticas de interação, provocado pela internet, estrutura ambientes virtuais, os quais funcionam, muitas vezes, como extensões das vivências, experiências e trocas presenciais. A maior parte desses ambientes tem como pressupostos fundantes a interação social mediada pelo computador. Neste sentido, quem mais bem representa as potencialidades das tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto atual são as redes desenhadas como plataformas e aplicativos de redes sociais digitais (SANTANA, 2014).

Segundo Franco (2008), as condições que possibilitaram o nascimento das redes telemáticas e digitais são sociais. Isso significa um diferencial importante. O principal não é levar em consideração o fato de serem essas redes telemáticas ou digitais, mas sim de serem redes, uma forma social no padrão organizacional. O progresso tecnológico que criou e permitiu o surgimento de um mundo sem distâncias físico-temporais pelos meios de comunicação como a internet, por exemplo, que desempenha um papel fundamental, mas o que constitui direcionador do seu desenvolvimento responde ao nascimento de relações sociais novas, e não o contrário:

Quando se inventa um novo hardware ou um novo software que permitem que tal ou qual operação seja feita entre grupos humanos é porque essa operação atende ou corresponde a um padrão de comportamento dado pela configuração e pela dinâmica desses grupos – uma necessidade, um desejo coletivo, enfim, uma possibilidade de vida ou convivência social admissível ou apropriável por eles (FRANCO, 2008, p.167).

Exemplo desse desejo coletivo e da possibilidade de convivência social e aprendizagem em rede pode ser encontrado nas plataformas e nos aplicativos de redes sociais digitais. O social não se alude unicamente a um conjunto de homens, mas a um conjunto de relações, as quais são conexões, caminhos por onde as mensagens

(padrões) transitam. Espaços como o Facebook, Instagram, Youtube, Whatsapp, Twitter – por exemplo – configuram-se, neste sentido, arenas essenciais para a efetivação dessas demandas sociais na cibercultura.

O que se pode perceber – então – é que as redes consistem em conexões estabelecidas por pessoas, máquinas, instituições e mais uma série de elementos que compõem a sociedade. O que garante a existência de uma rede é a interação e relação entre os elementos que a estruturam e a dinamizam. As redes podem ser assim pensadas desde as interações sociais mediadas por tecnologias, como oralidade e escrita, até, mais contemporaneamente, às conexões telemáticas e digitais.

O contexto das redes sociais digitais é produto da sociedade – um resultado da insistência do homem em manter-se conectado, visível e em interação uns com os outros. Esse contexto é facilitado pela capacidade humana, relativamente recente, de se comunicar a grandes distâncias, com frequência, a milhares de quilômetros. A aldeia global é agora uma nova realidade para os seres humanos, é a esfera pública do novo milênio, “uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural que comporta novas maneiras de trabalhar, de comunicar-se, de relacionar-se, de aprender, de pensar e, em suma, de viver” (COOLL Y MONERO, 2010, p.15). Santaella (2010) acrescenta ainda que as tecnologias digitais de natureza da linguagem, seja ela oral, seja escrita ou digital, provocam transformações neurológicas e sensoriais que alteram – efetiva e significativamente – nossas percepções e ações.

Deste modo, é necessário problematizar a importância de educar os sujeitos a partir e para essa sociedade culturalmente tecnológica e digital. A educação – neste sentido – precisa apropriar-se da linguagem, da técnica, da lógica de funcionamento e dos elementos em geral que modificam os construtos sociais; construir contextos pedagógicos estimuladores que dialoguem, representem e façam parte da sociedade em que vivemos.

Educar para e nesta era da sociedade digital *blended*, demanda posturas específicas, compreensão do sujeito fruto dessa geração, flexibilidade para criar e dialogar com novos papéis profissionais e assumir que o desenvolvimento tecnológico é processo crescente e contínuo, o que significa pensar para que sociedade estamos educando nossos jovens.

2.2 A Educação 4.0 e as Pedagogias das Conexões

As duas primeiras décadas do século XXI experimentaram, no campo da educação, uma série de iniciativas e ações que prometiam, para inovar – didática e pedagogicamente – os sistemas e instituições de ensino, integrar tecnologias digitais da informação e comunicação às práticas e espaços escolares. Essa preocupação consiste, grande parte das vezes, em munir as escolas com equipamentos informáticos e comunicacionais, capacitar os profissionais para utilizá-los – técnica e pedagogicamente – pensando em práticas inovadoras que utilizassem, metodologicamente, ferramentas, equipamentos, linguagens e espaços nascidos com a internet e a tecnologia digital.

Se mapearmos as pesquisas realizadas nas primeiras décadas do atual século, é possível encontrar um grande volume de investigações e trabalhos acadêmicos que analisam metodologias de ensino à luz das tecnologias digitais: experiências com

práticas denominadas inovadoras utilizando dispositivos técnicos digitais, ênfase na formação de professores para utilização das tecnologias digitais, estímulos a modalidades de ensino híbrido e a distância, utilização e criação de tecnologias como suporte para especificidades educacionais, transposição das práticas pedagógicas para os ambientes on-line e outras linhas que, majoritariamente, se preocupam com a articulação do mundo digital e a escola, como se estes estivessem em campos distintos da sociedade. Sem desconsiderar a importância dessas discussões – especialmente para o desenvolvimento de áreas e linhas de pesquisas que se debruçaram e se debruçam sobre esses fenômenos que são o aqui e agora da nossa vivência enquanto sociedade – o esforço e o realizado refletem sobre os objetos, mas pouco transformou a escola contemporânea.

A escola da segunda década do século XXI, enquanto instituição, mantém – majoritariamente – a mesma arquitetura e pressupostos pedagógicos da escola que antecede a quarta revolução tecnológica. Essa escola ainda é muito parecida, e por vezes saudosista, daquelas da “galáxia de Gutemberg”. Ela dialoga, aproxima e se articula com toda a sociedade que segue transformando, mas a verdadeira revolução e inovação no educar e aprender ainda, têm acontecido fora da escola: na internet. Isso porque, dentre outras razões, equipar salas de aula e ensinar os professores a utilizar objetos técnicos não significa propiciar e provocar inovação nos processos de ensino-aprendizagem.

Diversas vezes dispositivos e linguagens tecnológicas atuais são utilizados para fortalecer e afirmar modos de reprodução de conhecimento, práticas docentes e metodologias de ensino ultrapassadas e retrógradas sejam elas no ensino presencial, seja no ensino híbrido ou a distância. Cabe ressaltar que adicionar tecnologia digital na prática pedagógica não é suficiente e necessário para dizer que o ensino seja inovador ou híbrido se – neste processo – não houver transformação na forma de aprendizagem ou da relação de quem ensina com quem se permite aprender.

A educação 4.0 inovadora só existirá quando a apropriação de linguagens, dispositivos e espaços tecnológicos nos possibilite abandonar práticas que reproduzem o que a escola faz há séculos e convide sua comunidade a produzir, compartilhar e criar. Ou seja, produzir e compartilhar podem ser práticas criativas, estimulantes e inovadoras que desenham o educar e aprender atualmente e forjam outras pedagogias: das conexões.

2.2.1 Pedagogias das Conexões

A educação extraescolar foi ampliando e diversificando sua oferta desde o final do século XX, seja como complemento da educação escolar seja como substituto de funções que a escola não cumpre ou não atende, objetivando contemplar demandas, necessidades e grupos historicamente marginalizados. Ainda por meio de atividades, culturais, profissionais, de lazer, organizadas por associações, ONGs, entidades e instituições (CARBONELL, 2016).

Além das iniciativas intencionalmente pedagógicas de ensinar conteúdos e apresentar propostas didáticas em instituições não escolares, mas que, de alguma forma, reproduziam e reproduzem a dinâmica escolar, outras formas de difusão de informações, conhecimentos, saberes coexistem na sociedade.

Hoje em nossas cidades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pelos jornais, revistas, filmes, canais de televisão e rádios excedem em grande medida a quantidade de informação comunicada pela instrução e por textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda para o ensino e derrubou os próprios muros das escolas de um modo tão repentino, que estamos confusos, desconcertados. (MCLUHAN, 1986, p. 155).

A observação de McLuhan, que antecede à popularização da internet no mundo, chama atenção para um contexto de formação e consumo de informação que ultrapassa os muros escolares. Essa conjuntura – potencializada pelos meios de comunicação de massa no século XX – já reivindicava que a escola redesenhasse seus currículos e repensasse suas práticas pedagógicas de modo a dialogar com o mundo repleto de informações e que rapidamente se modificava, demandando novas aprendizagens, métodos, espaços e formas de comunicação.

Trinta anos depois, podemos dizer que cada vez mais os processos de aprendizagem têm mais canais, formas e possibilidades de efetivação tanto nas instituições escolares como fora dos seus muros. Contudo, “as pedagogias tradicionais continuam centradas no professor, no modelo de ensino hierarquizado, unidirecional, padronizado. E o aluno acaba ficando isolado do processo de aprendizagem” (COUTO, 2014, p. 62); apesar de a escola ter passado por algumas transformações ao longo de seu processo histórico, seja em relação às disposições dos alunos seja em relação às funções, dos espaços físicos e das modalidades, a figura do professor permanece presente, hierarquicamente, na posição de centro. À distância ou presencialmente, o professor, na maioria das vezes, é o sujeito responsável por organizar, coordenar, direcionar e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem.

Há, no entanto que se considerar, no cenário atual, que a literatura sinaliza como era das conexões, que as formas e modos de aprendizagem, trabalho e produção de saberes e conhecimentos têm sido mais colaborativas, horizontalizadas e autônomas. Essas características têm desenhado outras pedagogias centradas na interação contínua, participação, colaboração, autoaprendizagem e, como acrescenta Couto (2014), pedagogias complexas, dinâmicas, multidirecionais e criativas. Essas práticas instituem o que temos chamado de Pedagogias das Conexões.

Para Couto (2014), as práticas pedagógicas tradicionais, que ele denomina de pedagogias disciplinares, devem ser superadas pelas pedagogias das conexões, tendo em vista que estas últimas celebram as culturas da participação, colaboração e compartilhamento. Destacamos que são justamente as vivências e apropriações no contexto das Redes Sociais Digitais responsáveis por inaugurar essas novas práticas que se utilizam de ambientes *on line* populares, como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Whatsapp para ensinar e aprender, estimulam a difusão de saberes e experiências pessoais e a construção de redes de compartilhamento e aprendizagens.

É importante ainda destacar, quando tratamos de pedagogias instituídas no contexto da era das conexões, que não são as transformações tecnológicas, como as plataformas e aplicativos de redes sociais digitais, responsáveis pelas mudanças sociais na contemporaneidade. A relação é justamente inversa, considerando que produzimos

os recursos, ferramentas, suportes e linguagens tecnológicas para atender às demandas humanas dentro das condições sociais que temos.

Isso significa um diferencial importante no entendimento de tendências pedagógicas que têm como fio condutor a conexão mediada por tecnologias digitais da informação e comunicação. O principal não é levar em consideração o fato de ser fruto dessas redes conectadas por meio da internet, mas sim de serem redes, uma forma social no padrão organizacional. O progresso tecnológico que criou e permitiu o surgimento de um mundo sem distâncias físico-temporais por meio de meios de comunicação como a internet, por exemplo, desempenha um papel fundamental, mas o que constitui o direcionador do seu desenvolvimento responde ao nascimento de relações e interações sociais novas e não o contrário (SANTANA, 2019).

Assim, as redes sociais digitais são espaços singulares e privilegiados para o desenvolvimento e crescimento das Pedagogias das Conexões por meio das narrativas de experiências e aprendizagens, criação de grupos de trocas de experiências e colaboração, repositório de conteúdo digital escrito e imagético, modelos de ensino baseados na conexão, organização do tempo, compartilhamento de conteúdos em múltiplas linguagens e aprendizagem coletiva e em rede.

Carbonell (2016) afirma que todo modelo de educação ou tendência pedagógica tem sua própria origem e nunca parte do zero. Neste trabalho, é impossível construir um histórico das teorias da educação e das tendências pedagógicas, inclusive porque a própria segmentação histórica também tem suas concepções divergentes.

Destarte importa – nesse contexto – as tendências pedagógicas, teorias da aprendizagem que se apresentam como alternativas superadoras às perspectivas conceituais centradas em indivíduos, sejam eles professores ou alunos, e que tenham como premissa o conhecimento como produto e construção coletiva e que somos, instituições, organizações e pessoas, elementos de uma rede, de um todo e que, portanto, aprendemos em interação com os outros e com os objetos que interferem diretamente nas formas que aprendemos e ensinamos.

O conectivismo (SIEMENS, 2005), que se relaciona com a teoria dos sistemas, do caos e os estudos das redes, exige interação social, colaboração, participação ativa não hierárquica, aprendizagem autônoma e contínua, inteligência coletiva, ambientes que não são estruturados nem regulados para experiências formais e institucionais. Anuncia-se como uma teoria da aprendizagem para a era digital e é uma contribuição significativa para desenhar e compreender os processos de aprendizagem no contexto das Pedagogias das Conexões.

Como já destacado, no século XXI, as experiências pedagógicas não institucionais têm aumentado de forma crescente e diversificada instituindo novos modos, currículos com grande impacto na sociedade e sendo, muitas vezes, mais atrativas e poderosas do que as práticas escolares oficiais e institucionais. Essa diversidade e estrutura que se apresenta como mais democrática, colaborativa e menos hierárquica, especialmente nos espaços da internet (plataformas e aplicativos de redes sociais digitais, Wikipédia, aplicativos de mensagens instantâneas) potencializa a produção e compartilhamento de informações, saberes e conhecimentos, promovendo alta, veloz e múltipla

conectividade entre pessoas, oferecendo uma variedade de formas de escrita e registros audiovisuais.

Neste cenário de comunicação *full time*, as fronteiras entre público e privado, produção e consumo, ensino e aprendizagem se diluem e, muitas vezes, desaparecem. Na cena das Pedagogias das Conexões, ensinamos e aprendemos, somos professores e aprendizes ao mesmo tempo, sendo a construção cognitiva colaborativa a protagonista do processo. É nesse contexto que as pessoas se autorizam a compartilhar o que sabem e a aprender autodidaticamente. “Assim, enfatizam-se a função, o sentido, o lugar e a importância da sociedade-rede e da escola-rede, conectados como infraestruturas, experiências e artefatos de educação permanente” (CARBONELL, 2016).

2.3 Apropriações pedagógicas das plataformas e aplicativos de redes sociais digitais: outros espaços e papéis profissionais

Enquanto fenômeno cultural, as redes sociais digitais, por meio de suas plataformas e aplicativos, afetam as práticas sociocomunicativas e educacionais cotidianas em escala mundial (SÁ; POLIVANOV, 2012), engendrando novos valores, resgatando outros e constituindo espaços de trocas e produções. São – portanto – exclusivas na forma como articulam as muitas maneiras de comunicação e no controle dos rastros sociais que podem fornecer. Assim, vale destacar que esses espaços estão relacionados a, pelo menos, três aspectos: (1) a visibilidade dirigida dos sujeitos on-line; (2) a articulação de suas redes de contatos (os outros sujeitos com os quais compartilham a conexão em um determinado sistema); (3) a utilização, em um único espaço, de diversas formas de comunicação (que permitem a troca de conteúdos textuais, imagéticos, audiovisuais etc.), sendo assim objetos caros aos que estudam aspectos da construção identitária, interação social, educação e comunicação na contemporaneidade.

Ainda que reafirmemos a importância e o significado desses adventos tecnológicos como forte elementos da cultura contemporânea, cabe o reforço de que a tecnologia sozinha não muda a prática pedagógica e os contextos de educação. Para otimizar os benefícios da inovação tecnológica e diminuir seus perigos, é indispensável alterar a forma como se pensa a educação.

Se um estudante tende a achar tediosa uma aula em que professor, durante horas, expõe as matérias que este mais facilmente aprenderia por si só visualizando vídeos e interagindo on-line, quem o poderá criticar? A extensão da aula tediosa para os ambientes on-line não acrescentará qualidade à formação oferecida. O seu dia a dia está repleto de confrontos entre a apreensão de conhecimentos pela via escolar e a aquisição de conhecimentos pela via informal. (PERES, 2015, p. 4).

Vivemos um contexto de sociedade *blended*, onde é muito difícil conduzir processos educativos puramente analógicos. Isso requer transformações na escola, tornando-a “apetecível, recompensante e prazeroso para os estudantes” (PERES, 2015, p. 3). Peres (2015) acrescenta ainda que é, portanto, importante

[...] repensar e rever os padrões tradicionais de ensino, oferecer infraestruturas, apoio técnico, científico e pedagógico, impulsionar a alteração dos diálogos, refletir sobre as práticas e as aprendizagens,

promover uma cultura de colaboração, de partilha, de rede. É necessário adaptar os currículos, os objetivos, os materiais, as metodologias, as políticas de avaliação dos docentes e dos estudantes, a própria cultura das instituições de ensino. Este contexto exige a criação de estruturas (PERES, 2015, p.3).

As demandas exigidas para esse contexto reivindicam que a educação formal repense, aceite e incorpore pressupostos e fundamentos já em utilização nas cenas dos espaços informais de educação em desenvolvimento na internet como: autoformação, reconhecimento das inteligências múltiplas, personalização do processo de ensino-aprendizagem, abandono do modelo de aula massificada, outra compreensão de tempo e espaço de aprendizagem e metodologias de ensino ativas.

Olhar para o movimento que acontece, por força da cultura, fora da escola é fundamental para repensar a própria escola em todos os níveis. Isso é mais que levar a escola para os espaços da internet ou transpor didaticamente o movimento da rede para a escola. O movimento que reivindico com este trabalho é o da compreensão das novas experiências na rede, que atraem – cada vez mais – pessoas, para que possamos tornar a escola atrativa sem deslegitimar as aprendizagens que acontecem fora dos seus muros.

As plataformas e os aplicativos de redes sociais digitais são fundamentados em regras de funcionamento variadas e isso implica apropriações também variadas, alicerçadas nas características específicas desses. Facebook, Instagram, Youtube, Twitter e Whatsapp são plataformas que têm sido apropriados para a construção de redes sociais, fortalecimento de relações sociais, redes de aprendizagem, de colaboração, de consumo, informação, política e entretenimento. Assim, essas redes sociais digitais vão ocupando os espaços por meio das apropriações, convenções e usos que os sujeitos fazem e das finalidades que lhes são atribuídas.

A apropriação é um elemento importante a ser considerado e entendido, pois mesmo as plataformas e aplicativos de redes sociais digitais sendo criados com uma proposta ou intenção por seus desenvolvedores, é a partir do efetivo uso que os sujeitos se apropriam dos ambientes e lhes atribuem sentido. Entende-se que apropriação é a criatividade adotada pelos internautas em um contexto de cibercultura e que – normalmente – é muito diferente da proposta inicial dos sistemas (ZAGO, 2011). Compreende-se ainda que as apropriações estão estreitamente relacionadas aos valores que os sujeitos almejam adquirir nas redes sociais constituídas.

2.3.1 Mapeamento de experiências pedagógicas informais em redes sociais digitais

É importante considerar que tanto a perspectiva da tendência pedagógica quanto a prática desta estão relacionadas intimamente com questões culturais e sociais que desenham os modos de aprender, consumir e interagir de uma sociedade. Deste modo, vale ressaltar que os brasileiros estão em terceiro lugar entre os povos que mais passam tempo e interagem na internet¹. A alta permanência de brasileiros conectados implica não apenas *logs*, mas produção e consumo de conteúdos dos mais diversos tipos.

Nesse rol de usuários e atores que movimentam o tráfego de informações e difusão do conhecimento em rede, interessam-nos aqueles que se apropriam dos

espaços – didática e pedagogicamente – para produzir conteúdo, compartilhar aprendizagens, promover mentorias e desenvolver processos de ensino nas mais diversas áreas. São profissionais de áreas variadas, professores, estudantes, que de posse de conhecimentos criam canais de comunicação e constroem uma audiência que torna dinâmico o processo de autoria, interação e compartilhamento.

Neste sentido, este estudo se importa com as iniciativas individuais, desvinculadas de instituições de ensino e que usam os espaços comuns da rede para ensinar conteúdos ou trocar saberes. Assim, mapeamos alguns tipos de iniciativas que estão dando suporte para o mapeamento a das experiências em movimento na rede na perspectiva das Pedagogias das Conexões em construção. Os espaços mais apropriados pelos profissionais são Youtube, Facebook, Instagram e Whatsapp em áreas das mais diversas como gastronomia, nutrição, finanças, produção audiovisual, marketing digital, turismo, dentre outras. Além de áreas do conhecimento escolar como linguagem, ciências naturais, matemática e ciências humanas.

Para construir esse mapeamento e indicar modelos de experiências desenvolvidas no contexto das Pedagogias das Conexões, tenho acompanhado espaços e vivências que retratam a movimentação de apropriação e criação de espaços formativos informais e dialogado, de maneira exploratória, com seis (6) jovens, entre 15 e 29 anos, que participam efetivamente desses espaços. Na observação encoberta realizada – de setembro de 2018 a março de 2019 – foram identificadas iniciativas e práticas relacionadas ao educar e aprender nas redes sociais digitais. Todas as classificações preliminares que apresento neste trabalho se destacam por dois aspectos: aprender em rede por troca de experiência e o empreendedorismo como elemento motivador das ações desenvolvidas e estímulo aos que se beneficiam dos processos educativos em questão.

Essa observação considera que no século XXI, além das novas profissões serem inventadas e reinventadas, há uma demanda por aprender a fazer com quem já faz e uma busca por opções formativas que sejam flexíveis na organização do tempo. Assim, dividimos as experiências mapeadas – aqui identificadas como modelos – em cinco dimensões: **tipo** - identificando o contexto da prática, se produzida de forma padronizada para qualquer usuário ou se personalizada de acordo com a demanda e as interações com o usuário; **natureza** - contextualizando se as formações são abertas, o que aqui significa dizer que o fluxo é contínuo e o aprendiz constrói seu percurso ou fechada com prazos, quando a oferta acontece em períodos específicos e os aprendizes caminham juntos com atividades e ações com prazos específicos; **formato** - especificando se a experiência pedagógica e o processo é individual ou coletiva; **conteúdo** - relacionando a extensão, desenho ou tipo do material produzido e compartilhado; **plataforma** - identificando os espaços on-line onde as experiências foram localizadas, neste ponto vale destacar que optei, para melhor entendimento, por nomear fidedignamente as plataformas conhecidas universalmente no lugar de categorizá-las.

Tabela 1 - Mapeamento experiências pedagógicas informais em redes sociais digitais

MODELOS	TIPO	NATUREZA	FORMATO	CONTEÚDO	PLATAFORMA
---------	------	----------	---------	----------	------------

Canais de audiovisual nas plataformas de digitais	Padronizada	Aberta Contínua	Individual	Vídeos Imagens Podcast	Youtube Instagram Facebook Spotify
Grupos temáticos com aprendizagem orientada	Personalizada/ Padronizada	Fechada com prazos	Coletivo	Diálogos e tarefas mediados por conteúdos audiovisuais	Facebook Whatsapp
Cursos livres com afiliação	Padronizada	Aberta Contínua	Individual	Ebooks Screencast Script Audiobooks Videoaulas *	Hotmart Edus Monetize
Cursos livres on-line	Padronizada	Fechada Aberta Contínuo Com prazos	Individual Coletivo	Cursos autoinstrucionais sem mediação pedagógica	Aplicativos Plataformas proprietárias
Mentoria	Personalizada	Fechada com prazos	Individual	Sessões e consultas	Aplicativos Plataformas proprietários
Coach	Personalizada	Fechada com prazos	Individual	Sessões e consultas	Aplicativos Plataformas proprietários

* quaisquer outros formatos de arquivo que possam ser baixados pela internet

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa em desenvolvimento.

Esse mapeamento não encerra as práticas e dimensões das Pedagogias das Conexões. Sobretudo porque a percepção que temos dessas pedagogias enquanto tendência é resultado das transformações sociotécnicas que passamos e, portanto, pode conduzir experiências didático-pedagógicas na rede e na escola regular. No entanto, destacamos experiências sérias com audiência significativa na rede para apresentar um cenário de ensinagem e aprendizagem onde o processo e a construção autônoma e colaborativa se destacam mesmo com essas experiências sendo realizadas fora das instituições regulares e sem chancelas de organizações de nenhuma natureza.

Há de se considerar que há um cenário propício na rede, dentro de suas plataformas digitais, para produção, veiculação e socialização de conteúdo. Cotidianamente os usuários conectados são convidados a produzir e compartilhar não mais sua intimidade pura e simples, mas aquilo que sabem, conhecem e que são capazes de criar. Isso parece anunciar que as engrenagens dos modelos de interação, produção e socialização do conhecimento centradas em uma só pessoa começam a enferrujar. Não se pode negar, para o bem e para o mal, que a internet que conhecemos, e que tem menos de trinta anos, é uma aliada importante para aqueles sujeitos que

compreenderam as novas demandas pedagógicas alinhadas com o contexto do século XXI.

Nesse sentido, diversas experiências nascem diariamente na rede buscando encantar jovens e adultos por meio de uma oferta de conteúdo personalizado divertido, lúdico e articulado com as habilidades necessárias na era digital, conectiva e global que estamos inseridos. Aqueles que assumem a docência na rede, no sentido de que estão didaticamente compartilhando seus saberes, conduzindo processos de ensino-aprendizagem e interagindo com seu público-alvo, o fazem oferecendo para sua audiência o conteúdo que ela procura. Fazem isso, no entanto, fora dos limites das instituições de ensino tradicional, ocupando um espaço em que professores de formação parecem, ainda, não utilizar.

Por isso, identificar essas iniciativas, compreender como elas se estruturam e o porquê dos seus sucessos é um indicador importante para entendermos os novos processos didático-pedagógicos que se estruturam livremente na rede nos dias de hoje. Esse mapeamento inicial apenas ilustra um contexto cada vez mais comum na rede: sujeitos que têm o conhecimento sobre alguma coisa, produzem conteúdos sobre o que conhecem ou vivem, compartilham e vendem esse conteúdo na rede. Mesmo quando esse conteúdo parece chegar gratuitamente ao seu usuário final, a depender do produtor, blogger, youtuber e afins, há um marketing digital e uma economia que gira e permite que profissionais tenham na internet seu espaço de trabalho.

Todo esse contexto inaugura, instaura e apresenta novas formas de aprender, ensinar, avaliar, produzir e compartilhar conteúdos didática e pedagogicamente fora das escolas e universidades, mas também invadindo-as por meio das redes sociais digitais. A tudo isso começamos a chamar de Pedagogias das Conexões e sobre elas é que esse estudo, ainda inicial, convida professores, cientistas, pesquisadores e comunidade acadêmica a se apropriar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas, o elemento contemporâneo mais significativo a possibilidade de conexão, interação social e compartilhamento de conteúdo, independente da distância física, que fez acelerar a emergência de novos fenômenos sociais inéditos, pode ser representado pelo contexto das redes sociais digitais. É inegável as possibilidades criadas a partir das construções de redes de saberes e informação na internet.

Destarte, embora todas essas potencialidades sejam concretas, reais e vividas cotidianamente, permitindo maior acesso à informação e oportunidades de aprendizagem, não significa dizer que o entusiasmo é sinônimo de que todas as pessoas sabem mais e estão mais informadas. Não podemos desconsiderar que a internet, como conhecemos hoje, armazena e processa muita informação e conteúdo qualitativamente duvidosos. Porém, não podemos afirmar que a qualidade duvidosa de conteúdos didáticos, acadêmicos e pedagógicos seja uma exclusividade da rede. No contexto de uma sociedade onde a quantidade de conhecimento e informação produzida é muito superior à capacidade humana de processá-los, é difícil que uma instituição, corrente, movimento ou escola científica defina aquilo que é ou não conhecimento válido e

legítimo. É por isso, que a educação formal não pode desconsiderar esse movimento, minimizá-lo ou ignorá-lo.

As ideias e discussões construídas neste trabalho apontam para algumas potencialidades e considerações. A primeira é que as práticas pedagógicas informais no contexto da sociedade digital *blended* é uma realidade em crescimento sob a qual não podemos estabelecer freio ou limite. Cada dia surgem novas apropriações dos objetos técnicos, sobretudo as plataformas e aplicativos de redes sociais digitais pelos mais diversos atores construindo uma rede de conhecimento e movimentando capital, informação e saberes. Outra consideração, que relaciona com a anterior é a de que a revolução tecnológica promove paulatinamente uma corrida para que as instituições educacionais equipem seus espaços pedagógicos com dispositivos, máquinas e objetos tecnológicos, muitas vezes com o objetivo de se aproximar da realidade de vivências e experiências que já acontece fora dos seus muros. Contudo, isso não significa modificar os pressupostos e a prática pedagógica das instituições formais de ensino para que estas se resignifiquem e se aproximem dos contextos e práticas sociais em rede.

O último ponto diz respeito ao que precisa ser feito para garantir que a escola não permaneça anacrônica a sociedade. Neste caso, é importante dialogar com aqueles atores que parecem já ter compreendido as demandas da nova geração no que tange ao ensinar e aprender na sociedade contemporânea, onde as pessoas são convidadas todo tempo a produzir, compartilhar, participar mas, por outro lado, parecem reivindicar flexibilidade de espaço e tempo, metodologias ativas e significativas em um contexto histórico onde há muita informação disponível. É fundamental também repensar os pressupostos que legitimam a construção de saberes e conhecimento por outras estruturas e organizações que não possuem a chancela da universidade ou da escola.

A dimensão das pedagogias das conexões evoca protagonismo, engajamento, personalização e produção de conteúdo. Assim, ao assumir a existência de novos modelos e espaços de ensinar e aprender que atraem milhares de pessoas, é preciso entender suas características, pressupostos, lógicas de funcionamentos e linguagens. É necessário que a educação regular e formal observe a cena contemporânea altamente produtiva e diversa para repensar as práticas de suas instituições. É importante também que educadores, estudiosos, cientistas da educação dialoguem com as experiências e movimentos que acontecem na rede de modo a termos uma sociedade conectada, mas efetivamente produtora de conteúdo, saberes e que compartilha informações coerentes e válidas que contribuam para o desenvolvimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARABÁSI, A. L. **Linked** - a nova ciência dos networks. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BINET, M., 2011. **Da Observação flutuante e encoberta ao Corpus**: exploração e consolidação da pesquisa de terreno microetnográfica. Documento de Trabalho do GIID n. 29. Lisboa: FCSH-UNL.
- CARBONELL, S. **Pedagogias do século XXI**: Bases para a inovação educativa. Porto Alegre: Artmed, 2016.

- COUTO, E. S. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C., and SANTOS, E. (org). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [on-line]. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- FRANCO, A. **Escola de Redes: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a Internet, a política e mundo globalizado**. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008.
- HINE, C. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (org.). **Virtual Methods**. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: A arma secreta dos profissionais de marketing: Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. 2010. Disponível em: http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.
- LASTA, E.; BARRICHELLO, E. M. R. Proposta de uma matriz de análise de estratégias sociotécnicas de visibilidade e legitimidade presentes em blogs corporativos. In: INTERCOM – RBCC. São Paulo, v.36, n.1, p. 249-268, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v36n1/13.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- LÈVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- McLUHAN, M. **El aula sin muros**. Barcelona: Cultura Popular, 1986.
- MOREIRA, A. **Blended (e)Learning na Sociedade Digital** (Estudos Pedagógicos Dinâmicas Educacionais Contemporâneas, Livro 5). Whitebooks. Edição do Kindle.
- MOREIRA, J.A. BARROS, D. MONTEIRO, A. (org.) **Educação a Distância e eLearning na Web Social**. Santo Tirso: Whitebooks.
- MOREIRA, A. **Blended (e)Learning na Sociedade Digital** (Estudos Pedagógicos Dinâmicas Educacionais Contemporâneas Livro 5). Whitebooks. Edição do Kindle.
- SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?. ReCeT: **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, v. 2, p. 17-22, 2010.
- SANTANA, C. L. S. Pedagogia das conexões: Notas sobre educação e redes sociais digitais. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO - CHALLENGES 2019, XI, 2019, Braga. (*Anais...*). Braga: UMINHO, 2019, 955-966.
- SANTANA, C. L. S. **Visibilidade mediada: estratégias e ações docentes no Twitter**. 2014. 257f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- SANTANA, C. L. S. **Aprendizagem em rede: novos olhares sobre o Orkut**. 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.
- SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2019.
- SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIEMENS, G. Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. In: **International Journal of Instructional Technology & Distance Learning**, v. 2, n. 1., 2005. Disponível em: http://www.itdl.org/Journal/Jan_05/article01.htm. Acesso em: 08 fev. 2019.

SÁ, S. P.; POLIVANOV, B. Presentificação, vínculo e delegação nos Sites de Redes Sociais. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 9, p. 13-36, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/341>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ZAGO, G. **Recirculação jornalística no Twitter**: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011. 204p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/28921>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ⁱ <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n119125/brasil-internet.html>